A participação do local na cobertura jornalística do nacional: Tragédia de Santa Maria – estudo de caso[1]

Edileuson Santos ALMEIDA[2]
Ada Cristina Machado da SILVEIRA[3]
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS

RESUMO
A cobertura ao vivo que inicia-se minutos após o incêndio na Boate Kiss em Santa Maria/RS, uma das maiores tragédias do Brasil, provocou uma variada participação da mídia local em rede nacional. Um destaque ocorreu na mídia televisiva, inclusive na programação esportiva, de auditório/variedades e jornalística da TV Globo, a maior emissora comercial do Brasil há meio século. Na abordagem do tema, explicita-se uma análise dos "Acontecimentos relatados (AR)" ao vivo pelo local (TV RBS/Santa Maria) na cobertura jornalística do nacional (TV Globo).

PALAVRAS-CHAVE: RBS/TV Globo; Tragédia de Santa Maria/RS; Local/Nacional

Considerações iniciais

A história da televisão brasileira é marcada por uma trajetória que oscila "do local para o nacional". Porém, em pouco menos de 30 anos, a importância da notícia local, que nos primórdios ocupava a quase totalidade dos espaços diários de veiculação, foi gradativamente definhando na programação televisiva, com a criação das grandes redes de televisão que comandam quase tudo a partir dos grandes centros.

Segundo Peruzzo (2005), em 1950, a televisão é iniciada no Brasil de forma quase artesanal e limitada, com alcance local e, com muito esforço, regional. Todavia, o padrão de qualidade da televisão brasileira começa a mudar a partir da década de 1970, quando é potencializado o surgimento do videotape e também a geração da programação em rede, via satélite, começa a se concretizar. Com isso, na década de 1980, a programação local

[1] Trabalho apresentado no GP Políticas e Estratégias de Comunicação, XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Manaus-AM, 4 a 7 de setembro de 2013. Artigo produzido no âmbito do Grupo de Pesquisa Comunicação, Identidades e Fronteiras (CNPq/UFSM). http://comunicacaoeidentidades.wordpress.com/

[2] Professor de Jornalismo (UFRR), doutorando em Comunicação Midiática (UFSM), mestre em Ciências da Comunicação (USP) e graduado em Jornalismo (UFRR). edileusonsa@gmail.com.

[3] Pesquisadora do CNPq, professora associada II de Graduação e Pós-graduação em Comunicação (UFSM). Graduada em Jornalismo (Unisinos), mestre em Comunicação e doutora em Jornalismo (Universidade Autônoma de Barcelona), com estágio pós-doutoral na Sorbonne III. adac.machadosilveira@gmail.com.

praticamente desaparece da grade de programação e passa a prevalecer a nacionalização das produções e das transmissões televisivas. E como uma das consequências da produção centralizada, Priolli (2000, p. 18) aponta que há um declínio da produção regional. "As 'ilhas' regionais vão construindo pontes para São Paulo e Rio, rompendo com o 'isolamento' e, ao mesmo tempo, anulando-se como centros produtores de TV".

Entretanto, uma década depois de Priolli (2000), ao observar as possibilidades de desenvolver um modelo de cobertura nacional com produção descentralizada, as emissoras que atuam em rede começam a inverter o modelo que persiste desde o final do século passado, e passam a revalorizar o produzido também pelo local, até mesmo como uma forma de suprimir as imensas distâncias regionais peculiares do território brasileiro. Contudo, isso não vale ao local o mesmo tratamento em todas as "praças" de forma equânime, a maioria continua ainda sem o poder de atender as especificidades locais.

Ainda hoje, as emissoras de rede transmitem programação 24 horas por sete dias da semana, e o espaço do local pouco foi ampliado nas últimas três décadas, com algumas exceções. Ou seja, passado quase meio século do início de implantação da televisão em todos os estados brasileiros, a partir de um conceito de rede, a reconquista do local, agora também representado no nacional, ainda ocorre de forma distinta, com destaque para algumas emissoras regionais.

Neste artigo, o objetivo é analisar a participação de uma emissora local em uma cobertura jornalística nacional. Na qual o local atende às exigências e aos padrões de cobertura de temas de interesse global. O objeto é a cobertura "ao vivo" da RBS TV/Santa Maria (afiliada Globo), sobre um incêndio ocorrido em uma boate na cidade de Santa Maria, no dia 27 de janeiro de 2013, que vitimou 242 jovens, a maioria estudantes universitários.

Para o estudo, foram selecionadas as participações ao vivo da repórter Juliana Motta, que atua na RBS TV/Santa Maria, nos programas da Rede Globo[4]: Esporte Espetacular (27/1/2013), Domingão do Faustão (27/1/2013), Encontro com Fátima Bernardes (28/1/2013), Bom Dia Brasil (28, 29, 30, 31/1/2013) e Jornal Hoje (28, 29, 30, 31/1/2013).

[4] As 122 emissoras da TV Globo alcançam quase 100% dos municípios (5.493) e da população brasileira (mais de 191 milhões de pessoas). Fonte: Atla da Cobertura, disponível em: <comercial2.redeglobo.com.br/atlasdecobertura/Paginas/Totalizador.aspx>, visitada em 12/7/2013

Em função do ocorrido, além dos profissionais da emissora em Santa Maria, a cobertura exigiu a participação de vários repórteres da RBS TV de Porto Alegre (além de profissionais da TV Globo enviados de São Paulo, do Rio de Janeiro e de Santa Catarina). Neste trabalho, a ênfase recai na participação da primeira repórter local destacada para a cobertura que fez aparições ao vivo nos programas acima mencionados.

TV Santa Maria: afiliada local com histórico nacional

Seibt e Silveira (2004, 2006) são autoras de dois textos que trazem um histórico da TV em Santa Maria. Segundo as pesquisadoras, as duas primeiras emissoras de televisão do interior gaúcho foram criadas em 1969: a TV Caxias (Caxias do Sul) e a TV Imembuí[5] (Santa Maria). "De 1969 até hoje, (...) passou por inúmeras transformações, contudo a mais significante foi sua precoce integração numa rede nacional de televisão concomitantemente. (...) a TV Imembuí já nasceu integrada na rede do JN [Jornal Nacional]" e hoje é parte de "um padrão de programação que envolve três níveis de produção: do local e regional à produção transmitida diariamente em nível nacional". No final de 1973, a TV Imembuí foi "incorporada definitivamente ao que hoje é o grupo RBS[6], sendo atualmente conhecida como RBS TV/Santa Maria" (SEIBT & SILVEIRA, 2004, 2006).

Mesmo nascida num misto de pública e privada, a emissora de Santa Maria atuava de "forma artesanal, pelo improviso e pelo amadorismo", porém desde aquela época de seu surgimento já exibia conteúdo de produção local. "A característica mais interessante dos seus primórdios é a produção de programas (telejornais, shows musicais, programas infantis e de variedades) com conteúdos locais" (SEIBT & SILVEIRA, 2004). No geral, essa era a característica da televisão brasileira da época. Mesmo vivendo sua "fase elitista", Barbosa (2010, p.17) lembra que:

> A televisão, nos seus primórdios, repetia um gesto cotidiano do público diante da novidade e da sensação. (...) esse primeiro momento, caracteriza-se pelo improviso, pela pouca disponibilidade

[5] A parceria da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e da TV Gaúcha (atualmente RBS TV) viabilizou a implantação da TV Imembuí, em caráter experimental, em 1969 (Ver SEIBT & SILVEIRA, 2004).
[6] A TV Gaúcha formou a Rede Brasil Sul de Comunicações, a primeira rede regional de emissoras do Brasil (Ver SEIBT & SILVEIRA, 2006).

> de receptores, (...) e, sobretudo, pela experimentação de uma nova linguagem que levaria, pelo menos, duas décadas para se estruturar.

Enquanto uma nova linguagem era criada, ainda no local, projetos começam a ser executados para emissão em rede nacional. Na década de 1980, as afiliadas de rede (como é o caso da RBS ligada a Rede Globo) começam a perder espaço para o conteúdo gerado a partir da sede das emissoras, principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro, que passa a ocupar a quase totalidade da grade diária de programação.

O local no nacional: a notícia de proximidade ao vivo

Para Charaudeau (2012, p.136) a ubiquidade (planeta) e a proximidade (aldeia) são dois imaginários aos quais as mídias estão presas, com isso "a questão do aqui e do fora daqui" é relativa, pois "é o modo de tratamento da notícia que faz com que o lugar do acontecimento esteja próximo ou longínquo".

Zamin (2013, p.200) diz que "o conceito de local não é facilmente demarcável. Tampouco é simples balizar o seu lugar nas sociedades contemporâneas. O local é complementariedade e troca, sentimento de pertença e a partilha de uma cotidianeidade, lugar de articulação".

Mas, no dia-a-dia, diante dos acontecimentos, o que da imprensa local espera-se é "uma diferença bem demarcada: mais atenção ao próximo. (...) a história do quotidiano das comunidades locais do que para o país ou o mundo". Ou seja, é preciso ficar claro que "antes de sermos globais, somos locais" (DUARTE, 2010, p.5-18).

É essa característica de local que credencia a mídia a dar conta da notícia para o nacional, como pode ser observado na cobertura da tragédia que vitimou de uma só vez 242 jovens[7], em Santa Maria. É a proximidade do fato jornalístico, que dá aos sujeitos da notícia legitimidade para relatar uma tragédia sem classificação. "A proximidade possibilita

[7] A 242ª vítima do incêndio ocorrido na Boate Kiss, em Santa Maria (RS), Mariane Wallau Vielmo, faleceu no dia 19 de maio de 2013. O fato noticiado em todo o Brasil (jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão, sites de notícia) e compartilhado em redes sociais (facebook, twitter e outras). A última sobrevivente do incêndio na boate Kiss, internada no Hospital Mãe de Deus (Porto Alegre/RS), teve alta no dia 2/7/2013. Fonte: Diário de Santa Maria. Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/especial/rs/dsm/19,18,4187617,Ultima-internada-por-incendio-na-boate-Kiss-deve-receber-alta-hoje.html>, visitado em 2/7/2013.

percepção e a organização da experiência na ordem das relações sociais (...). Tem caráter estruturante" (ZAMIN, 2013, p.200).

Santa Maria: uma tragédia noticiada ao vivo na TV Globo – Análise

Após o ocorrido em Santa Maria, nos quatro cantos do mundo, pais ainda acordavam atordoados e preocupados com seus jovens que cultivam os mesmos hábitos das vítimas da tragédia. De imediato o acontecimento local torna-se notícia de interesse nacional e global. Os acontecimentos começam a ser relatados. As informações vão alimentando sites de notícias, emissoras de rádios e de televisão sobre um domingo que horrorizou o mundo.

Nas primeiras horas, as notícias oscilaram entre questionamentos sobre o que havia acontecido e a atualização do número e dos dados de mortos, feridos e sobreviventes. As primeiras imagens que ocupam os noticiários (sites e TVs) são captadas em frente à boate Kiss, enquanto os sobreviventes são atendidos improvisadamente na calçada e na rua. Os próprios frequentadores e transeuntes registram as cenas de pânico daquele domingo. Os primeiros jornalistas chegam ao local ainda na madrugada. Naquele momento, as notícias eram desencontradas: sobre o número de frequentadores, de mortos e de feridos e, também, sobre as possíveis causas da tragédia.

Enquanto profissionais se deslocam de várias partes do país e até de outros continentes, a mídia local é quem assume a cobertura dos acontecimentos. Os relatos são transmitidos pela internet (imagens, fotos e textos), pelas emissoras de rádio e de TV. O mundo começava a receber informações da tragédia pelo filtro do campo jornalístico que atua em todas as mídias. As emissoras de televisão ainda coletavam suas primeiras imagens enquanto equipamentos já eram preparados para as participações ao vivo. A RBS TV/Santa Maria foi a primeira emissora a transmitir ao vivo. Devido a problemas operacionais, as participações iniciais só foram possíveis a partir da principal praça da cidade, coincidentemente, localizada a poucos metros do local da tragédia.

O discurso midiático: A TV como lugar do "Acontecimento relatado (AR)"

Bourdieu (2001, p. 25) afirma que "(...) há uma proporção muito importante de pessoas que não lêem, que estão devotadas de corpo e alma à televisão [que] tem uma espécie de monopólio de fato sobre a formação das cabeças de uma parcela muito importante da população".

A sociedade é dependente desse "poder de informação" da televisão. Em parte da programação, são os jornalistas que operam a "estruturação de sentido" das notícias para consumo. Isso, para Charaudeau (2012, p.33), significa a transmissão de um saber "por alguém que o possui a alguém que se presume não possuí-lo. Assim se produziria um ato de transmissão que faria com que um indivíduo passasse de um estado de ignorância a um estado de saber".

Ou seja, o campo jornalístico é responsável por parte desse "poder de informação", e os jornalistas com "reconhecimento dos pares e o reconhecimento pela maioria", operam "uma seleção e uma construção do que é selecionado" e, para isso, são capazes até de "ocultar mostrando" (BOURDIEU, 2001, p. 24-105). Um exemplo é o que acontece em algumas notícias de tragédias em que corpos não precisam ser expostos na tela para atestar relatos jornalísticos sobre vítimas fatais.

Mesmo considerando que na televisão opera um misto de fala e imagem "numa solidariedade" que torna difícil apontar quem é mais importante para a "estruturação de sentido" – A imagem é a "representação do sensível", enquanto a palavra "usa da evocação que passa pelo conceitual" (CHARAUDEAU, p.109-110) –, ambas gozam de relativa autonomia uma em relação à outra. Ou seja, a narrativa jornalística na televisão "pode fazer ver e fazer crer no que faz ver".

> (...) o efeito de presença é tal que toda distância espacial é abolida, (...) cria-se a ilusão de uma história se fazendo na sua contemporalidade com o fluxo da consciência do telespectador: o acontecimento mostrado, (...) ao mesmo tempo atual e intemporal. (CHARAUDEAU, 2012, p. 111)

A transmissão ao vivo dá ao telespectador a sensação de proximidade com o acontecimento e de atualidade com a notícia.

Charaudeau (2012) afirma que um "acontecimento mediático" opera por "modos discursivos" que podem ser categorizados como Acontecimento relatado (AR) – "construção de um espaço temático rubricado" –, Acontecimento comentado (AC) – "construção de um espaço problematizado" –; e Acontecimento provocado (AP) – "construção de um espaço de debate público externo as mídias"[8]. Não é objetivo fazer uma descrição detalhada do quadro proposto pelo autor, mesmo considerando que o ocorrido (A cobertura da tragédia de Santa Maria) se encaixa em todas as referidas categorias.

Porém, na amostragem coletada e analisada, o "modo discursivo" encontra-se na categoria de "Acontecimento relatado (AR)":

> (...) relatar o que acontece ou aconteceu no espaço público, construindo um espaço de mediação que chamamos de "acontecimento relatado" (AR). Tal acontecimento é constituído por fatos e ações dos atores que aí se acham implicados: trata-se, então de "fato relatado" (FR); mas também de palavras com declarações e reações verbais dos atores da vida pública: é o que chamamos de um "dito relatado" (DR). (CHARAUDEAU, 2012, p.150)

E é como "fato relatado" (FR), com "descrição, explicação e reações", que se configuram as participações da referida repórter. As mesmas são feitas ora como descrição e/ou explicação de um fato e/ou para descrever as reações sobre o referido fato.

Análise do "Fato relatado (FR)"

O programa esportivo dominical Esporte Espetacular[9] (TV Globo), mantinha os telespectadores informados com narração, ao vivo do estúdio no Rio de Janeiro, ilustrada com fotografias e imagens gravadas na parte externa da boate, quando o sinal entre as duas emissoras (RBS TV/Santa Maria e TV Globo) foi estabelecido. As primeiras imagens geradas ao vivo pela TV Globo, a partir de Santa Maria, mostram a repórter Juliana Motta na praça central da cidade, localizada a cem metros da tragédia. Charaudeau (2012, p. 132) diz que, antes de transformar-se em notícia, o acontecimento passa pelo filtro da mídia que dispõe de uma estratégia de encenação da informação. Tal condição é garantida por um contrato de

[8] Ver quadro in: Charaudeau, 2012, p.151.
[9] O Esporte Espetacular é exibido pela TV Globo desde 1º/9/1973. O programa, com 180 minutos de duração, é exibido nas manhãs de domingo, ao vivo, com média de 10 pontos de audiência. Fonte: Wikipedia, Rede Globo e Blog Loucos por TV.

comunicação que se estabelece entre a mídia e o consumidor. "Propomos chamar 'notícia' a um conjunto de informações que se relaciona a um mesmo espaço temático[10], tendo um caráter de novidade, proveniente de uma determinada fonte e podendo ser diversamente tratado".

O local, próximo à boate, foi a opção aos problemas técnicos que impediam a transmissão a partir dos locais relacionados ao trágico acontecimento: a fachada da boate Kiss (local da tragédia), Hospital Universitário e Hospital de Caridade (locais de assistência médica aos sobreviventes feridos) ou o Centro Desportivo Municipal (local de reconhecimento das vítimas e dos velórios) – mas ao longo da cobertura, os lugares de fala vão transitando, na ordem, entre o Centro Desportivo Municipal (tarde do primeiro dia de cobertura, para acompanhar o reconhecimento das vítimas, a perícia nos corpos e o velório coletivo), a boate Kiss (a partir do segundo dia, para acompanhar a perícia no local da tragédia) e o Hospital de Caridade (a partir do terceiro dia, para acompanhar o quadro médico dos sobreviventes feridos), porém, no quinto dia os relatos ocorrem da frente da boate Kiss.

Por isso, é da praça da cidade, ainda com problemas técnicos no sinal via satélite, que a repórter Juliana Motta, entra "ao vivo". No vídeo, ela aparece em plano médio, num fundo neutro por menos de 10 segundos. Só com a copa das árvores em segundo plano, o tempo é suficiente para dizer: "Ouço sim, nós continuamos com essa informação de 245 mortos, 48 pessoas..."[11]. Após alguns segundos sem áudio e imagem, um dos apresentadores diz: "a gente perdeu o sinal com a Juliana Motta...". Até então ainda não havia uma lista oficial de mortos e feridos, apesar dos dados pendentes de correções fornecidos por autoridade pública.

Para Charaudeau (2012), a tarefa da mídia é informar os acontecimentos numa "contemporalidade enunciativa". Ou seja, tentar aproximar ao máximo os dois momentos opostos: o "instante de surgimento do acontecimento" e o "instante de consumo da notícia". "(...) é o quadro temporal que define a notícia como atualidade", ou seja, "a noção de atualidade" é central no contrato mediático.

[10] O acontecimento é um fato no domínio do espaço público reportado em forma de minirrelato. (CHARAUDEAU, 2012, p. 132).
[11] No primeiro dia o número de vítimas fatais variou entre de 245 e 233 mortos. Após correções da autoridade pública, os dados oficiais registram que foram 231 mortos no mesmo dia e outras 11 vítimas faleceram entre a madrugada de 29 de janeiro e a manhã de 19 de maio de 2013. No Inquérito policial, a denúncia relata 242 homicídios dolosos e 623 feridos.

Nessa entrada ao vivo, ainda sem dispor de sua principal característica (o "choque das imagens"), a televisão apropriou-se das características fundamentais do rádio ("a magia da voz") e da imprensa ("peso das palavras")[12] para construir a narrativa jornalística. Como nas cidades gregas e romanas de há dois milênios, que na ágora se anunciavam os fatos mais importantes, é da ágora contemporânea (a principal praça da cidade) que a repórter inaugura o discurso sobre a tragédia, anunciando o número de mortos e feridos, mas não diz, por ter sido interrompida por problemas técnicos, de quem é "essa informação".

No início da noite do domingo, aconteceu uma participação no "programa Domingão do Faustão"[13]. Foram quase 20 minutos, intercalados por relatos da repórter, da irmã de uma vítima e do apresentador. Logo na abertura, em tom sério o apresentador avisa: "Começa o Domingão. E o quarto Domingão do ano nesse país, tinha tudo para ser um domingão como todo mundo quer: com alegria, com diversão... mas isso não aconteceu". O Apresentador muda de plano, num enquadramento quase em close informa: "O país está em choque. E uma cidade em comoção, uma cidade gaúcha, que fica a 300 km de Porto Alegre...". Como espaços de referência de Santa Maria cita "uma universidade tradicional e famosa"[14] e "uma Base Aérea importante"[15]. E continua: "Você vai saber agora (...) essa tragédia gaúcha, justamente num estado no nível do Rio Grande do Sul...", para anunciar a participação da repórter, que é apresentada para relatar o fato: "Prá começar, nada melhor do que informações com a repórter Juliana Motta, que é repórter da RBS, uma das principais afiliadas da Rede Globo de Televisão, para que ela faça esse relato e, principalmente, atualize os números... Informações de Juliana Motta pra começar o domingão". Enquanto era anunciada a participação, a repórter já aparecia em segundo plano, num telão, em plano médio, em frente ao Centro Desportivo Municipal, local para onde os corpos foram levados para

[12] Charaudeau, 2012.

[13] O Domingão do Faustão estreou na TV Globo em 26/3/1989, apresentado por Fausto Silva, reúne quadros com artistas, números musicais e situações inusitadas registradas em vídeos caseiros. O programa, em abril/2013, registrou 18 pontos de audiência (total de aparelhos) e 36% de share (participação entre os aparelhos ligados, Fonte: IBOPE: Média Workstation – Abril/13, disponível em: <http://comercial.redeglobo.com.br/programacao_auditorio/domingaodofaustao_intro.php>, visitado em 10/7/2013.

[14] Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), criada pela Lei Nº. 3.834-C (14/12/1960). Fonte: site da UFSM, disponível em: http://w3.ufsm.br/proplan/images/stories/file/LEI%20N%203.834%20C,%20cria%20a%20UFG%20e%20UFSM.pdf>, visitado em 10/7/2013

[15] A cidade de Santa Maria é conhecida pela presença de estudantes e militares, principalmente da Força Aérea Brasileira (FAB).

reconhecimento e liberação para velório e sepultamento. A repórter atualiza os dados sobre o número de mortos, corpos reconhecidos e liberados para velório. O apresentador interrompe e pede: "Juliana... diante dessa situação... o clima... se é que você consegue descrever, na cidade... imagine ou sinta o drama dessas pessoas na cidade de Santa Maria, Juliana!". E ela descreve: "Fausto, o clima aqui é de uma extrema angústia. Eu acredito que seja praticamente impossível descrever essa situação. A impressão que eu tenho é que as pessoas não acreditam em tudo o que ocorreu: 233 mortos". Nessa parte do programa, o apresentador recorre a uma das características que assinala o local da repórter – sentimento de pertença – para atingir outra de suas características - a partilha de uma cotidianeidade. Entretanto, alegando ser "impossível descrever" a situação, a repórter então usa o depoimento da irmã de uma vítima que relata o momento vivido, e num determinado trecho afirma: "...não caiu a ficha ainda...". Após o relato da entrevistada, o apresentador diz:

> (...) as sete e oito, nos estamos com a nossa Juliana Motta, repórter da RBS, diretamente de Santa Maria... E eu vi também com a Juliana, em algumas entrevistas que ela fez durante o dia, que algumas testemunhas disseram que correram para o banheiro... e muitos morreram. Você relatou isso não foi?

A fala do apresentador demostra intimidade ao utilizar a expressão "nossa Juliana Motta", projetando-a como parte do contexto em rede nacional. Enquanto ao afirmar: "eu vi também com a Juliana", recolocando-a no seu lugar de fala (o local), com o apresentador se projetando numa ação "ver" junto a ela. As diversas participações ao vivo na programação nacional da TV Globo no domingo, projetam a repórter que representa o local. Nos dias seguintes, a participação do local consolida-se com o objetivo de atualizar as noticias sobre os acontecimentos que se sucedem após a tragédia: relatar sobre a situação dos feridos, a mobilização da sociedade e das autoridades, além de descrever as reações de investigação da polícia, etc.

No segundo dia, todos os principais telejornais da TV Globo (Bom Dia Brasil, Jornal Hoje, Jornal Nacional e Jornal da Globo) foram apresentados de Santa Maria. No "Bom Dia

Brasil"[16], após a confirmação oficial da lista de vítimas e o início dos enterros, as atenções voltam-se para as investigações e a perícia no local da tragédia. Ao final de uma reportagem sobre os trabalhos da perícia, aparecem imagens ao vivo da fachada da boate e a repórter Juliana Motta relata que "o MP quer pedir a prisão dos proprietários da boate Kiss". Em seguida, ainda ao vivo, com a exibição de imagens gravadas na frente e dentro da boate, ela atualiza as informações sobre o trabalho da perícia que acontecia no local naquele momento. A participação do local recebe a função central do contrato midiático: a atualidade. Naquele momento, esclarecer as causas da tragédia era a questão em aberto e o relato ao vivo descreve a reação da perícia numa "contemporalidade enunciativa".

No mesmo cenário, horas depois, a repórter participa do programa "Encontro com Fátima Bernardes"[17]. Logo no início do Programa a apresentadora anuncia que a pauta do programa será a tragédia, inclusive com a atualização das notícias: "A repórter Juliana Motta está na porta da boate... Eu queria que você dissesse que informações a polícia passou até agora pra vocês?" A repórter descreve as reações da polícia e também da perícia. Fala sobre pedidos de prisões, mas ainda sem detalhes. A apresentadora pergunta: "O trabalho da perícia permanece ai, Juliana?" Sem resposta, ela comenta: "Ela perdeu o sinal com a gente...". Na primeira participação a atualidade do relato privilegia a descrição das reações da polícia e da perícia para identificar causas e apontar culpados.

Minutos depois, com o sinal reestabelecido, Fátima Bernardes interrompe um entrevistado e diz: "Eu vou pedir só uma pausa pra gente voltar a falar com a repórter Juliana Motta... ela tem informações sobre as pessoas que foram presas". E a repórter diz: "Isso mesmo, nós temos informações sobre o nome das pessoas que foram presas...". Naquele momento a repórter atualiza a notícia ao relatar as informações descritas pela polícia.

[16] O programa faz parte da grade de programação da TV Globo desde janeiro de 1983, tem duração de 60 minutos e é exibido de 2ª a 6ª-feira. Em Abril de 2013, o programa registrou nove pontos de audiência, com 43% de participação. Fonte: IBOPE: Média Workstation – Abril/13, disponível em: <http://comercial2.redeglobo.com.br/programacao/Pages/BomDiaBrasil.aspx#>, visitado em 10/7/2013.

[17] O programa estreou em 25/6/2012, exibido de segunda a sexta-feira, ao vivo. Apresenta variedades e prestação de serviços, com um miniauditório. Tem oito pontos de audiência e 29% de participação. Fonte: IBOPE: Média Workstation – Abril/13, disponível em: <http://comercial2.redeglobo.com.br/programacao/Pages/Encontros-com-Fatima-Bernardes.aspx#>, visitado em 10/7/2013.

Na terceira participação, a apresentadora informa que a repórter está com uma sobrevivente da tragédia: "É com você, Juliana!". Com a boate em segundo plano, a repórter entrevista uma sobrevivente, para descrever detalhes da tragédia e explicar "como foi essa fuga? Como você conseguiu sair de lá com tanta gente?"

Ao longo do programa, com mais de uma hora de duração, foram três participações ao vivo, sempre intercaladas pela observação da apresentadora: "se você tiver outras informações você pode voltar. Obrigado Juliana!". No programa, essas foram as únicas participações ao vivo de Santa Maria, que somaram quase 10 minutos. Naquele momento vários repórteres da TV Globo enviados de Porto Alegre (RS), Florianópolis (SC), São Paulo (SP) e Rio de Janeiro (RJ) já estavam em Santa Maria para a cobertura da tragédia para exibição em todos os telejornais nacionais da emissora.

Pouco depois, a repórter fez uma das entradas ao vivo do "Jornal Hoje[18]. O programa foi exibido com um apresentador em estúdio (São Paulo) e uma apresentadora no local onde aconteceu parte dos velórios, em Santa Maria. A jornalista Sandra Annenberg afirma que para a cobertura "foram deslocadas equipes de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, com todo o apoio da equipe de Santa Maria..." e, mais adiante, anuncia: "A repórter Juliana Motta está em frente à boate Kiss, onde peritos trabalham. Vamos pra lá ao vivo: Juliana quais são suas informações?" A repórter informa: "A perícia termina ainda hoje... agora como a gente pode observar, os técnicos da perícia vão deixar o local agora...". É a proximidade com a cotidianeidade marcada pela participação da repórter, para manter a atualidade do relato dos acontecimentos, uma presentificação do "apoio da equipe de Santa Maria".

Nos três dias subsequentes, as participações da repórter aconteceram nos programas Bom Dia Brasil e Jornal Hoje. Os assuntos relatados descrevem o dia-a-dia dos sobreviventes feridos, as explicações das autoridades e de representantes dos envolvidos e as reações da sociedade e da polícia.

[18] É um dos mais antigos telejornais da TV Globo (estreou em 21/4/1971). O JH mostra o cotidiano das cidades, informações sobre política, economia e cultura, prestação de serviços, defesa do consumidor e prestação de serviços. O informativo tem 13 pontos de audiência e 35% de participação (share). Fonte: IBOPE: Média Workstation – Abril/13, disponível em: <http://comercial2.redeglobo.com.br/programacao/Pages/JornalHoje.aspx#>, visitado em 10/7/2013.

No terceiro dia, a primeira participação é no programa Bom Dia Brasil. A apresentadora anuncia: "Vamos ao vivo a Santa Maria conversar com a repórter Juliana Motta... Uma grande homenagem foi feitas as vítimas, ontem à noite, não é isso?" Da fachada do Hospital de Caridade, local onde foi atendida parte dos sobreviventes feridos, a repórter confirma e relata que além das homenagens a polícia continua as investigações. Para descrever as reações da polícia, a repórter entrevista ao vivo o delegado responsável pelo inquérito judicial ("Eu vou conversar agora com o delegado...") e conta com a participação dos apresentadores que no final da entrevista de quase cinco minutos, agradecem: "Muito obrigado, muito obrigado, Juliana", diz o apresentador e a apresentadora também repete: "Obrigada a Juliana...". Em ambos os relatos, o local é evidenciado pela proximidade com os acontecimentos para atualizar o estado de saúde dos sobreviventes e com a cotidianeidade das investigações policiais da tragédia. No início da tarde do mesmo dia, a tragédia continua como tema principal do Jornal Hoje, que na abertura informa "231 filhos mortos". Após algumas reportagens sobre a tragédia, a repórter é anunciada sem formalidade: "Vamos conversar agora com Juliana Motta que está em Santa Maria. Juliana... Qual é a situação dos feridos agora?", pergunta a apresentadora Sandra Annenberg. Em mais um participação do local no nacional, ainda em frente ao Hospital, a repórter relata: "O IML aqui de Santa Maria divulgou três novas mortes, mas o Ministério da Saúde ainda não confirma essa informação...". As características da proximidade e atualidade são evidentes. A pergunta da apresentadora, que já havia "atualizado" o número de "filhos mortos", é sobre os feridos, mas a resposta da repórter inclui a informação sobre novas mortes. A "contemporalidade enunciativa" entre o acontecimento (a morte de três feridos) e a notícia (a divulgação da informação do IML) é evidente quando a repórter, aproveitando-se da proximidade, coloca em realce a "noção de atualidade".

No quarto dia, a tragédia continua como destaque do telejornalístico Bom Dia Brasil. As irregularidades na boate, a negligência da Prefeitura e do Corpo de Bombeiros, e o drama das famílias das vítimas e dos sobreviventes, são destacados na abertura. Antes da participação local ao vivo, os apresentadores fala sobre a investigação das causas do incêndio e a vistoria em casas noturnas. Para atualizar as informações, a apresentadora anuncia que

"nós vamos a Santa Maria, lá está a repórter Juliana Motta, como vão ser as vistorias, Juliana? Bom dia!". Da frente do hospital de Caridade, a repórter descreve como o Ministério Público vai investigar as casas noturnas de Santa Maria, explica o andamento das investigações e relata as reações da população da cidade: "segue mobilizada (...) e aos poucos a cidade de Santa Maria tenta voltar a rotina". A participação, para atualizar os acontecimentos, acrescenta informações que contemplam as características dos fatos relatados.

No início da tarde, o Jornal Hoje continua destaque o número de sobreviventes hospitalizados, uma suposta tentativa de suicídio de um dos proprietários da boate e as investigações da tragédia, com a participação do local para atualizar as notícias. "Vamos direto agora conversar com Juliana Motta. Juliana... o advogado da boate deu uma entrevista agora a pouco. O quê que foi que ele falou?" A repórter, então, relata as explicações do advogado sobre situação da boate e acrescenta notícias relacionadas a tentativa de suicídio de um dos sócios da Kiss.

No quinto dia, a tragédia continua em destaque nos programas Bom Dia Brasil e Jornal Hoje. No primeiro, a participação é para atualizar informações sobre a perícia e as investigações. "Nossos repórteres acompanham as investigações da tragédia em Santa Maria", anuncia uma das chamadas de abertura do telejornal. "A repórter Juliana Motta tem mais informações ao vivo. Oi Juliana, bom dia!" A participação da repórter, em frente da boate Kiss, descreve as reações da perícia e as principais explicações do advogado dos donos da boate e do comando do Corpo de Bombeiros sobre as irregularidades identificadas pela investigação policial.

No Jornal Hoje, o tema é o estado de saúde dos sobreviventes internados. "Nós vamos falar com a Juliana Motta, que está em frente a boate Kiss, ela tem as informações sobre o estado de saúde dessas pessoas internadas. Juliana, boa tarde pra você!". A repórter então descreve a situação dos pacientes graves e em observação e relata que "a boa notícia de hoje é que 11 já respiram sem a chamada ventilação mecânica". Entretanto, como fato atual, a repórter descreve as reações do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (CREA), que enviou especialistas para ajudar a "identificar as causas do incêndio" e "apurar se os técnicos,

engenhos e arquitetos, que assinaram os laudos da boate, tem algum tipo de responsabilidade em tudo o que ocorreu." A última participação analisada mostra que os relatos da repórter ao vivo continuam mantendo a "atualidade" da notícia, e também da noção de proximidade com os acontecimentos.

Considerações finais

O jornalismo se alimenta da cobertura de pequenos e grandes eventos, fatos cotidianos, fait divers, guerras, e até catástrofes climáticas. A cobertura jornalística, mesmo as que escapam de qualquer lógica, como a tragédia ocorrida em Santa Maria/RS, se estabelece numa organização interna. Pois, numa tragédia a apuração dos fatos provoca emoção e exige exatidão, mesmo considerando a "cotemporalidade" [entre o acontecimento e o relato da notícia] pressionando pela atualidade das informações.

A cobertura, portanto, recorreu à proximidade (a participação do local) e à atualidade (notícia ao vivo) para relatar os acontecimentos. A participação local, que começa como única opção num momento em que a exigência era movida pela atualidade, revela-se uma importante estratégia para dar a noção de proximidade com os acontecimentos. E, na referida cobertura, o local ocupa um espaço em que os "fatos relatados (FR)" dão destaque a "atualidade" da notícia que é descrita sempre ao vivo.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre (Trad. Maria Lúcia Machado). **Sobre a Televisão**. RJ, Jorge Zahar, 1997

BUCCI, Eugênio (org.). **A TV aos 50**: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário. São Paulo, Edit. Fundação Perseu Abramo, 2000.

CHARAUDEAU, Patrick (Tradução: Angela M. S. Corrêa). **Discurso das mídias**. São Paulo, Contexto, 2012.

DUARTE, Ângela Filipa Alves. **Jornalismo de proximidade**: O papel informativo da Imprensa local. Disponível em: http://localmediapt.files.wordpress.com/2010/11/duarte2010-jornalismo-proximidade.pdf, visitado em 15/4/2013.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Mídia regional e social**: aspectos conceituais e tendências. Revista Comunicação & Sociedade, São Bernardo do Campo/SP, Póscom-Umesp, a. 26, nº 43, p. 67-84, 1º sem. 2005.

SEIBT, Micheli; SILVEIRA, Ada Cristina Machado da. **O Surgimento da TV Local e artesanal nas Terras de Fronteira do Brasil Meridional**. Anais do II Encontro Nacional da ALCAR, Florianópolis/SC, 2004.

_____. **O JN e a estrela errante da produção local**. Contracampo (UFF), v. 17, p. 90-102, 2006.
Programa Esporte Espetacular, TV Globo, 27jan2013
Programa Domingão do Faustão, TV Globo, 27jan2013
Programa Bom Dia Brasil, TV Globo, 28, 29, 30, 31jan2013
Programa Encontro com Fátima Bernardes, TV Globo, 28jan2013
Programa Jornal Hoje, TV Globo, 28, 29, 30, 31jan2013